

O SISTEMA DA METÁFORA MORAL NO PRONUNCIAMENTO DA RAINHA ELIZABETH II A PARTIR DA DINÂMICA DE FORÇA

Carolina de Mello Decco¹
Tânia M. Gastão Saliés²

RESUMO

O presente artigo identifica como a dinâmica de forças sustenta o sistema da metáfora moral no pronunciamento televisionado da Rainha Elizabeth II – realizado no dia 05 de abril de 2020, por ocasião da pandemia por Covid-19. Para tal, toma como base a Linguística Cognitiva Aplicada em uma abordagem discursiva à luz de estudos sobre o sistema da metáfora moral (LAKOFF; JOHNSON, 1999) e da dinâmica de forças (TALMY, 2000; CHARTERIS-BLACK, 2013; HART, 2011, 2020). Segundo eles, as metáforas fundamentam-se em modelos culturais e morais e sinalizam ideologias vigentes. No caso em tela, as metáforas PROFISSIONAIS DE SAÚDE SÃO SOLDADOS e PANDEMIA É GUERRA apontam para a necessidade de os ingleses cumprirem o dever moral pelo bem comum, uma vez que metáforas de guerra acionam questões de moralidade, reforçando a ideia de que sacrifícios individuais devem ser feitos em prol da coletividade. Por outro lado, os esquemas de força presentes no discurso funcionam como estratégias para sustentar o discurso da rainha, que defende ser o alcance da vitória somente possível com a manutenção dessa postura moral por parte da população. Além disso, metáforas positivas como MORALIDADE É FORÇA e UNIÃO É FORÇA convergem para o propósito comunicacional, que é promover esperança.

Palavras-chave: Dinâmica de força, Sistema da Metáfora Moral. Ideologia.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, carol.decco@gmail.com;

2 Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ: PhD em Linguística, Oklahoma State University, tancias.salies@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa o discurso da Rainha Elizabeth II, realizado no dia 05 de abril de 2020, durante a pandemia de Covid-19, a partir dos estudos da dinâmica de forças (TALMY, 2000; CHARTERIS-BLACK, 2013; HART, 2011, 2020) e do sistema da metáfora moral (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Em 70 anos de reinado, esse foi o quinto pronunciamento televisionado da rainha, o que aponta para sua relevância política, econômica e social.

À luz da Linguística Cognitiva Aplicada (SALIÉS, 2020), que defende uma relação intrínseca entre linguagem, cognição e sociedade em uma visão transdisciplinar e crítica dos dados, nos moldes da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2008), o artigo assume uma abordagem cognitivo-discursiva empírica e não essencialista e confere relevância ao contexto nos processos de significação. Para a Linguística Cognitiva, a linguagem é pista para a organização conceptual do pensamento (FAUCONNIER, 1997), e as projeções metafóricas e os esquemas de força pistas para pontos de vista (CHARTERIS-BLACK 2013, HART, 2011, 2020) ou ideologias. Tal referencial teórico-metodológico ilumina a concepção de pandemia na perspectiva da Rainha, já que, a partir dele, como nos diz Segundo (2014, p.33), podemos examinar “os padrões subjacentes à construção do significado, assumindo uma relação triádica entre língua, cérebro e sociedade”.

Seguindo essa linha de raciocínio, o presente artigo se propõe a aferir a conceptualização da pandemia presente no discurso da rainha Elizabeth II. Mais especificamente, intenciona verificar como a dinâmica de forças sustenta o sistema da metáfora moral no discurso da rainha Elizabeth II, construtos teóricos que desenvolvemos nas seções 1e 2.

Com esse propósito, a primeira seção deste artigo define os conceitos norteadores no que tange à conceptualização; a segunda seção discute construtos chave, como a ideologia e a moralidade, fenômenos que emergem do discurso, e desenvolve os conceitos de sistema da metáfora moral e dinâmica de forças; na terceira seção, elenca os procedimentos metodológicos que orientaram a análise, desenvolvida na quarta seção. Fechando o artigo, ponderações acerca da análise são desenvolvidas.

1. CONCEITOS NORTEADORES

Estudos de George Lakoff e Mark Johnson (1980) revolucionaram os entendimentos existentes sobre o sistema conceptualizador humano que

preponderavam até a década de 80 ao proporem ser esse sistema eminentemente metafórico. A metáfora, anteriormente vista como figura de linguagem passa a ser entendida como um fenômeno do pensamento, intimamente ligado à nossa percepção de mundo e às nossas ações corpóreas. Para os autores, uma construção metafórica consiste em conceptualizar termos mais abstratos segundo outros mais concretos por meio de projeções entre domínios (estruturas cognitivas mais estáveis da memória pessoal ou social). Tais projeções metafóricas, em geral, são sustentadas por esquemas imagéticos e metonímias que emergem de nossas vivências ou da “*lived cognition*” (LAKOFF, 1987).

Ou seja, trata-se de um viés teórico que entende a cognição como corporificada e, conseqüentemente, as ações do corpo no mundo como o elo entre a percepção, o processamento mental e a ação. Os construtos cognitivos que emergem de nossas ações e relações com o mundo são os esquemas imagéticos, construtos cognitivos esquemáticos que representam as experiências sensorio-motoras do ser humano nas interações que estabelece (LAKOFF, 1987) – são Modelos Cognitivos Idealizados (MCI)³ por esquemas de imagem. Como tal, são armazenados na memória de longo prazo e recuperados pelo processamento mental sempre que acionados no uso da linguagem cotidianamente. Dentre esses esquemas, destacamos os esquemas de CONTÊINER e LIGAÇÃO que percebemos e armazenamos para uso futuro logo nos primeiros anos de vida. Desde o útero materno, por meio do cordão umbilical, experienciamos o esquema de LIGAÇÃO, assim como o recuperamos ao estabelecermos contato com pessoas e coisas no nosso convívio social. O esquema de CONTÊINER emerge também muito cedo ao interagirmos com as mamadeiras e outros contêineres que instanciam a lógica das relações entre DENTRO e FORA ao impedirem líquidos de se moverem para o exterior de uma região delimitada no espaço (SECUNDINO; SALIÉS, 2021).

A metonímia, por sua vez, é um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) não proposicional, que envolve a relação de contigüidade em um mesmo domínio, permitindo que uma entidade seja usada para referir outra a ela relacionada (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Como um MCI, fundamenta-se, tanto quanto os esquemas imagéticos, na experiência corpórea e sociocultural do ser humano, constituindo, por exemplo, processos que nos permitem representar metonimicamente uma categoria inteira por um membro ou uma subcategoria,

3 Segundo Lakoff (1987), os MCIs são construções cognitivas que organizam o conhecimento do ser humano em categorias, geradas nas e pelas experiências socioculturais, e as mantêm disponíveis na memória de longo prazo. São, portanto, uma conceptualização da experiência por um conceptualizador, nem sempre alinhadas à realidade.

abrindo espaço para inferências, julgamentos de valor e outros efeitos pragmáticos nas interações cotidianas. Por exemplo, podemos nos referir à vacinação em massa como elemento necessário para retardar os efeitos da pandemia, em uma relação de CAUSA-EFEITO que se dá no mesmo domínio conceptual, a pandemia.

Tanto quanto a metonímia, a metáfora também é um MCI não-proposicional que permite inferências e julgamentos de valor ao relacionar entidades. No entanto, ao invés de fazê-lo em um mesmo domínio, o faz por mapeamentos entre dois domínios, um mais concreto (o domínio fonte) e outro mais abstrato (o domínio alvo), como acontece por exemplo em PANDEMIA É GUERRA (VEREZA, 2020). Elementos de um se projetam no outro unidirecionalmente, organizando conceptualmente o domínio alvo, de tal modo que a pandemia é conceptualizada como um campo de batalha em que se enfrentam a população e o vírus.

Como se trata da conceptualização da experiência por um conceptualizador, alguns autores (CHARTERIS-BLACK, 2013; SOARES DA SILVA, 2015) destacam ser a metáfora uma estratégia persuasiva que tem desdobramentos morais e ideológicos, já que sinaliza pontos de vista. Persuade, segundo Soares da Silva (2015), ao recrutar elementos da retórica Aristotélica como pensar bem (*logos*), ter boas intenções (*ethos*), parecer bem (*pathos*) e dizer o que as pessoas querem ouvir. Ao fazê-lo, não só estruturam o discurso, mas também dão sentido ao argumento e o fortalecem ao imprimir forte carga emocional.

Como conceptualizações por um conceptualizador, as metáforas e metonímias envolvem operações de perspectivação, denominadas *Construal*, ou diferentes maneiras de perspectivar, categorizar ou ver uma determinada situação (LANGACKER, 2008). Nesse sentido, a pandemia pode ser perspectivada como um período de guerra, um inimigo a ser combatido, um momento de reflexão, um período de perdas, entre muitas outras possibilidades, ao lume de MCIs metafóricos e metonímicos ideológica e moralmente marcados, como veremos na segunda seção.

2. IDEOLOGIA, MORALIDADE E DISCURSO POLÍTICO

Na mesma linha argumentativa, podemos dizer que o enunciador organiza o seu conhecimento no discurso a fim de construir a cena, os eventos e a relação entre eles em um *construal* que pode estimular solidariedade ou exacerbar poder, uma vez que “é por meio da nossa capacidade de perspectivação que se torna possível a constituição, a manutenção e a confrontação das ideologias, das representações, dos gêneros e dos estilos” (SEGUNDO, 2014, p. 35).

Em um viés mais filosófico, as ideologias relacionam-se diretamente com princípios morais, regras socioculturais que orientam o comportamento social das pessoas em sociedade. Essas regras assentam-se sobre valores como a virtude, o bem, a honestidade, entre outros. Filósofos como Sócrates, Kant e Durkheim definem a moralidade a partir da ideia de bem coletivo. Nesse sentido, as regras morais regulam as sociedades de acordo com esses valores.

Ao mesmo tempo, ideologia e moralidade são construtos conceituais individuais ou coletivos que atuam na estruturação de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Apontam para a forma de pensar de determinadas pessoas ou sociedades. Manifestam-se na linguagem de forma explícita ou implícita a partir de escolhas linguístico-discursivas alinhadas a pontos de vistas e crenças. Por consequência podemos dizer que as ideologias são “performativas, pois agem no mundo social, forjando diferentes efeitos de sentido” e, que ao se esconderem atrás de uma ideia de “neutralidade”, quanto mais conservadoras, menos as percebemos como produtoras de fenômenos sociais (SZUNDY; FABRÍCIO, 2019). A questão é que a própria neutralidade reside em “ideologias linguísticas relacionadas, por exemplo, a valores como língua padrão, norma culta/popular, variedade, entre outras”, que por sua vez legitimam a dominação da própria ideologia (SEGUNDO, 2014, p.70).

No âmbito do discurso político, estudos que assumem um paradigma cognitivo-discursivo como o aqui abraçado, ressaltam que no discurso político os candidatos precisam envolver emocionalmente o público e inspirar confiança, a fim de conseguir os votos necessários para se elegerem (JAMISON, 2017). No caso da realeza do Reino Unido, os atores políticos não são definidos pelo voto, mas pela hereditariedade, o que implica a necessidade de uma postura que transmita firmeza, confiança e empatia com o povo.

Estudos anteriores que analisaram o discurso da rainha (ZATIR, 2021; KHALFALLAH; KEPRIANTO, 2021; KASSABOVA, 2020) iluminam questões culturais, políticas e sociais presentes no contexto da monarquia. Zatir (2021), por exemplo, realizou sua pesquisa pelo viés da Análise Crítica do Discurso, tomando como base a Gramática Sistêmico Funcional de Halliday, e destacou que o discurso da rainha possui coerência e linguagem simples capazes de persuadir o público a superar o momento difícil da pandemia juntos. Khalfallah e Keprianto (2021), por sua vez, destacam a indiretividade, a cautela, a descrição em falas contidas e educadas que visam evitar desacordos ou desalinhamentos entre a monarquia e o público-alvo. Para além desses fatores culturais, Kassabova (2020) esclarece que, na Inglaterra, a monarquia é constitucional, porém a rainha Elizabeth II, como chefe de Estado, possui poderes executivos limitados. No entanto, ela é a única que pode confortar a nação em tempos

de crise. Em seu quinto discurso durante o período pandêmico, a rainha não foca na fragilidade humana, não repreende a nação, pelo contrário, “ela oferece conforto, gratidão aos profissionais de saúde de seu país e a todos na linha de frente, uma crença de que a vida voltará ao normal” (KASSABOVA, 2020, p.80).

As análises realizadas por esses autores consideram a moldura comunicativa, o lugar de fala, o papel político e o dever moral da rainha de zelar pela vida de seu povo e resgatar a identidade e os valores nacionais, a partir dos princípios da moralidade. Nosso viés, por outro lado, que é cognitivo-discursivo, analisa o discurso da rainha a partir de metáforas morais que emergem do discurso e assim como as forças que nele interagem. Para isso, recrutamos tanto o Sistema da Metáfora Moral (LAKOFF, 1999) quanto a Dinâmica de Forças (TALMY, 2000) no âmbito da Linguística Cognitiva.

2.1 Sistema da Metáfora Moral

Lakoff e Johnson (1999) compreendem que a moralidade só pode ser conceptualizada a partir de uma rede metafórica que tem como base o bem-estar humano. Para os autores, os ideais morais como justiça, compaixão, virtude, entre outros, resultam das experiências humanas sobre o que devemos ter ou fazer para viver bem. Ao observarem que esse bem-estar passa a ter valores diferentes conforme os domínios-fontes são alterados, os autores propõem algumas categorias metafóricas, entre as quais figuram:

1. MORALIDADE É RIQUEZA: baseia-se na metáfora da contabilidade moral, em que RIQUEZA É BEM-ESTAR. Nesse sentido, quando o bem-estar aumenta, há ganho, e quando diminui, há perda, o que nos leva a afirmar que na pandemia há perda de bem-estar.
2. MORALIDADE É AUTORIDADE: baseia-se em dois tipos de autoridade, a legítima que é merecida e a absoluta que é imposta. No discurso, a rainha é uma autoridade legítima.
3. MORALIDADE É EMPATIA: baseia-se na capacidade de se colocar no lugar do outro, trata-se de uma projeção metafórica, no sentido de promover o bem-estar do outro.
4. MORALIDADE É SAÚDE: tem como base a metáfora BEM-ESTAR É SAÚDE. Se moralidade é saúde logo imoralidade é uma doença que precisa ser controlada. Nesse sentido, para vencer a pandemia é preciso permanecer com saúde física e moral.

5. MORALIDADE É FORÇA: baseia-se na força física que ajuda a combater guerras e nos leva a compreender a força moral como a união para confrontar o mal. Trata-se de somar forças.
6. MORALIDADE É LIMITE: tem como base a ideia de que a ação moral é aquela que respeita os limites prescritos para chegar ao destino pretendido. Na pandemia, sair de casa poderia ser considerado moral para os profissionais essenciais, ou imoral, para os demais profissionais.
7. MORALIDADE É ESSÊNCIA: baseia-se no conjunto de virtudes e vícios atribuídos ao caráter de uma pessoa. As virtudes são consideradas hábitos morais, enquanto os vícios são imorais. Nesse sentido, o discurso da rainha apela para as virtudes dos ingleses, como autodisciplina.
8. MORALIDADE É NUTRIÇÃO: baseia-se na empatia e compaixão pelo outro. Trata-se de uma responsabilidade de cuidar de si e dos outros. Ao ficar em casa, as pessoas cuidam de si e das demais.

Os conceitos de moralidade estão inseridos em diversos contextos e podem ser plenamente aplicados ao contexto da pandemia, como será visto na seção de análise.

2.2 Os esquemas de força

Inicialmente estudados pela física, os esquemas de força passaram a ser percebidos na estruturação das relações de poder, ao evidenciarem como as entidades interagem e destacando os possíveis resultados dessas interações (TALMY, 2000). O discurso é um dos espaços em que as relações de poder ficam evidenciadas, pois os esquemas de força desempenham “um papel estruturante em vários níveis de linguagem”, desde as escolhas gramaticais até as lexicais (HART, 2011, p. 409). As pistas gramaticais, lexicais e discursivas possibilitam a identificação de como as forças interagem em diferentes níveis – físico, psicológico e social.

De acordo com Talmy (2000), essa interação de forças acontece entre duas entidades. A primeira é o Agonista que está no foco da ação, e a segunda é o Antagonista, elemento que se opõe ao Agonista. Da interação de forças entre essas entidades, dependendo da tendência (movimento ou repouso) e da intensidade de força entre as partes, o autor propõem quatro resultados possíveis: se o Agonista realiza sua tendência de força intrínseca apesar de o Antagonista exercer alguma força sobre ele, ou seja, o Agonista tende ao repouso (i.) ou ao movimento (ii.); se o Agonista não consegue manter sua

tendência de força intrínseca, ele, que estava em repouso, é obrigado a se movimentar (iii.), e o Agonista que estava em movimento é forçado a parar (iv.).

No discurso da rainha, evidenciam-se três entidades “eu”, “vocês” e “a pandemia”. Nesse processo, cada indivíduo sozinho representa uma força fraca, incapaz de manter sua força intrínseca, mas a nação junta, forma uma nova força, o “nós”. Essa força é mais forte, sendo capaz de manter a força intrínseca da nação e superar a pandemia. Assim, nos parece que o discurso da rainha se configura como um convite para que a população some forças.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa amparada na Linguística Cognitiva Aplicada (SALIÉS, 2021) em que, a partir de um viés não essencialista, analisamos qualitativamente a linguagem em uso em um determinado contexto social visando “criar inteligibilidade sobre a vida contemporânea” (MOITA LOPES, 2008, apud SALIÉS, 2020, p.7). Para fazê-lo, recrutamos conceitos da Linguística Cognitiva como o sistema da metáfora moral de Lakoff e Johnson (1999) e a dinâmica de forças de Talmy (2000). O objeto de nossa análise foi o quinto discurso da rainha Elizabeth II, pronunciado no dia 05 de abril de 2022.

O desenvolvimento do trabalho seguiu os seguintes procedimentos metodológico-analíticos: identificação do discurso original na página da Família Real na internet; leitura do texto em inglês; identificação das metáforas; tradução livre do texto; exame do contexto discursivo; marcação em negrito das expressões metafóricas; elaboração dos esquemas de força; relação entre as metáforas encontradas no nível micro e fatos do contexto no nível macro.

Além disso, com base em Jamison (2017), assumimos que por serem as línguas inglesa e portuguesa pertencentes à cultura ocidental, as possíveis variações entre os conceitos metafóricos que porventura possam existir entre elas seriam minimizadas. Cabe-nos por fim mencionar que dada a riqueza metafórica do pronunciamento da rainha Elizabeth II, não esgotamos as possibilidades de análise. Como agimos em uma visão não-essencialista, ao lume da Linguística Cognitiva Aplicada, buscamos sim gerar inteligibilidades sobre o tema.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em 70 anos de reinado, a Rainha Elizabeth II realizou cinco pronunciamentos na Televisão. Em geral, a raridade desse tipo de manifestação eleva o grau de seriedade desses pronunciamentos e o grau de atenção por eles

alcançado. De acordo com Jamison (2017), no discurso político, a seleção de palavras e a organização das ideias buscam criar alinhamento entre o ponto de vista, as crenças e as intenções do enunciador e o público-alvo. Nesse sentido, a “liderança política depende da habilidade de persuadir e de inspirar confiança” (JAMISON, 2017, p. 88). No discurso em tela, identificamos metáforas sustentadas por uma dinâmica de forças que nos parecem convergir para esse propósito. É o que passamos agora a demonstrar.

Considerando a dinâmica de forças (TALMY, 2000), identificamos as seguintes entidades no discurso da rainha:

- a. Agonista: indivíduos (tendência ao movimento) / nação (tendência ao movimento)
- b. Antagonista: Pandemia (exerce força contrária para bloqueio do agonista).

A interação entre essas entidades causa, em um primeiro momento, o bloqueio de indivíduos que se encontravam em movimento e foram obrigados a parar por força da pandemia, que é mais forte que os indivíduos separadamente. Entretanto, ao propor a união das forças, o Agonista se transforma em população nacional e, subseqüentemente, em população mundial cuja força, somada ao conhecimento da ciência, pode ser mais forte e capaz de enfrentar o vírus. Essa união de forças agonistas permite que o Agonista mantenha a sua tendência ao movimento e bloqueia as ações do Antagonista. Ao mesmo tempo, potencializa efeitos psicológicos, sociais e muitas vezes físicos (HART, 2011) no enfrentamento do vírus.

O Sistema de Moralidade, sustentado por essa lógica de forças, pode ser iluminado a partir de metáforas como UNIÃO É FORÇA, NAÇÃO É SER VIVO, dentre outras metáforas embutidas no sistema da metáfora moral, que passamos a destrinçar, conforme as quatro subseções, que se seguem e seguindo o desencadeamento discursivo do pronunciamento objeto de análise.

Moralidade é autoridade

A Rainha inicia o discurso posicionando os interlocutores “eu” e “vocês” como participantes que igualmente sofrem as adversidades do período pandêmico, caracterizando-o como “desafiador” para todos no país, ela inclusive. Coconstrói um sentimento de empatia e envolvimento emocional, ao utilizar marcadores de primeira pessoa do plural (“nosso”; “nós”) ilustrados em negrito no excerto 1:

Excerto 1: Esforço conjunto

Eu estou falando com **vocês** no que sei que é um momento cada vez mais desafiador. Um momento de ruptura na vida **do nosso país**: uma ruptura que trouxe sofrimento para alguns, dificuldades financeiras para muitos e enormes mudanças no cotidiano de **todos nós**.⁴

O uso repetitivo desses pronomes pessoais cria uma memória coletiva e uma sensação de pertencimento a mesma nação (KASABOVA, 2020). Ao mesmo tempo, é a rainha quem fala e não um outro cidadão. E fala a partir de uma ordem institucional que *per se* configura a sua autoridade moral para falar em tempos difíceis, tanto pela sua posição política quanto pela sua trajetória de vida, largamente conhecida pelos ingleses, da qual consta a superação de outras guerras e crises.

Apesar de o termo “pandemia” não ser explicitamente mencionado no discurso, seu MCI é evocado por pistas discursivas como “desafio”, “ruptura”, “sofrimento”, “mudanças”, em relações metonímicas que ligam qualidades à situação pandêmica, efeitos à situação pandêmica, respectivamente. Ao mesmo tempo, essas metonímias acionam relações metafóricas: PANDEMIA É DESAFIO, PANDEMIA É RUPTURA, em que há projeção dos atributos do domínio DESAFIO (obstáculos; dificuldades; adversidades; impedimentos) para o domínio PANDEMIA, permitindo que este seja conceptualmente organizado segundo o outro. O mesmo acontece com os domínios RUPTURA e PANDEMIA, SOFRIMENTO e PANDEMIA, MUDANÇAS e PANDEMIA.

A mesma lógica rege as interrelações entre os domínios SER VIVO (evocado pela pista “vida”) e NAÇÃO (evocado pela pista “país”), apontando para a organização conceptual de NAÇÃO segundo atributos do domínio SER VIVO. A metáfora NAÇÃO É SER VIVO é, no encadeamento discursivo, reforçada por outra, já que a pista “dificuldade financeira” indexa problemas que só os seres humanos são propensos a enfrentar; ou seja, NAÇÃO É PESSOA.

Já no excerto 2, a conceptualização dos que atuam no sistema de saúde do Reino Unido, o *National Health System* (NHS) é organizada segundo atributos do domínio BATALHA e do domínio GUERRA. Neles, entidades como luta, combate, soldados à frente de uma batalha são projetados para o domínio SAÚDE, no qual há profissionais como enfermeiros, médicos atuando contra um vírus mortal, elementos ativos no contexto situacional. Desse processo emergem as metáforas PROFISSIONAIS DE SAÚDE SÃO SOLDADOS, NHS

4 I am speaking to you at what I know is an increasingly challenging time. A time of disruption in the life of our country: a disruption that has brought grief to some, financial difficulties to many, and enormous changes to the daily lives of us all.

É CAMPO DE BATALHA e PANDEMIA É GUERRA. As pistas lexicais que atavam os respectivos domínios encontram-se em negrito, como já feito anteriormente e implementado em todos os excertos.

Excerto 2: A batalha contra o vírus e o bem comum

Quero agradecer a todos **na linha de frente do NHS**, bem como aos **profissionais de saúde** e àqueles que desempenham **funções essenciais**, que **continuam desinteressadamente** em seus **deveres** do dia-a-dia **fora de casa** em **apoio** a todos **nós**. Tenho certeza de que **a nação se juntará a mim** para garantir que o que vocês fazem é **apreciado** e cada hora de seu **trabalho árduo nos aproxima** de um **retorno a tempos mais normais**.⁵

Ainda no excerto 2, O TRABALHO CONJUNTO é conceptualizado como FORÇA que aproxima as pessoas em prol do bem comum. Essa FORÇA é engrossada por pessoas que estão em casa, aquelas que cumprem o dever moral para com a sociedade em prol do bem comum. O “*eu e você*” se torna “*nós*”, “*juntos*”, “*trabalho conjunto*”. Pistas como “ajudar a proteger”, “enfrentando esta doença” são algumas das que destacamos no discurso como elementos constituidores dos domínios evocados no processo metafórico que projeta o modo como a rainha conceptualiza o trabalho conjunto: TRABALHO CONJUNTO É FORÇA, recuperando e reforçando o argumento já introduzido no excerto 1.

Excerto 3: A força dos que estão em casa

Também quero agradecer a **vocês que estão em casa, ajudando** assim a **proteger** os vulneráveis e **poupando** muitas famílias da dor já sentida por aqueles que **perderam** entes queridos. **Juntos**, estamos **enfrentando esta doença**, e quero garantir a vocês que, se **permanecermos unidos e resolutos**, vamos **superá-la**.⁶

No processo de conceptualização, o esquema imagético CONTÊINER estrutura a relação DENTRO-FORA (“vocês que estão em casa” X vocês que estão na rua) e determina o mérito. Quem está fora de casa (os profissionais da

5 I want to thank everyone on the NHS front line, as well as care workers and those carrying out essential roles, who selflessly continue their day-to-day duties outside the home in support of us all. I am sure the nation will join me in assuring you that what you do is appreciated and every hour of your hard work brings us closer to a return to more normal times.

6 I also want to thank those of you who are staying at home, thereby helping to protect the vulnerable and sparing many families the pain already felt by those who have lost loved ones. Together we are tackling this disease, and I want to reassure you that if we remain united and resolute, then we will overcome it.

saúde) merece maior mérito por estar na frente de batalha e enfrentar maior grau de exposição ao vírus da Covid-19. Tal mérito ganha valor moral ao ser concedido por alguém com autoridade legítima como a rainha. Do mesmo modo, ficar em casa representa um ato de cuidado com si próprio e com os outros (MORALIDADE É SAÚDE). Ao ficar em casa, os ingleses construiriam uma barreira contra o vírus e poupariam vidas do contágio. O verbo “poupar”, do domínio FINANCEIRO, evoca ainda a metáfora da contabilidade moral. Muitas vidas foram perdidas, e quanto mais pessoas morrem maior é a dívida moral daqueles que agem imoralmente ao não respeitarem o isolamento.

Em ordem mencionar que a análise desses três excertos remete-nos para a GRANDE CADEIA DO SER (LAKOFF; TURNER, 1989), uma estrutura hierárquica que espelha os mapeamentos metafóricos entre os domínios NOCIONAIS, FÍSICOS/ESPACIAIS e da FORÇA para o domínio de ser animado em metáforas como NAÇÃO É SER VIVO, NAÇÃO É PESSOA, TABALHO CONJUNTO É FORÇA.

Moralidade é força

No excerto 4, o discurso estrutura-se com base nas metáforas UNIÃO É FORÇA e UNIÃO É ARMA, estimulando a população a unir forças com o objetivo comum de vencer a guerra contra a pandemia. Apesar de a população britânica enfrentar uma guerra, e o senso comum dizer que na guerra vale tudo, a rainha recruta a contabilidade moral para argumentar que não se trata de vencer a qualquer custo, e sim com atitudes que promovam o orgulho à história do país. Na contabilidade moral, agir com moralidade significa não criar dívidas históricas, como já ocorreu e ainda ocorre na história recente da humanidade. A pista “responder ao desafio” equipara a pandemia a uma prova de resistência colocando elementos dos dois domínios em relação de mapeamento metafórico (DESAFIO e PROVA DE RESISTÊNCIA). Provas de resistência (o triatlão, por exemplo), envolvem duração, esforço físico, controle mental, controle emocional e capacidade de lidar com a dor. O mesmo acontece na pandemia, instanciada por um processo metonímico entre a qualidade (DESAFIO) e o FENÔMENO (a pandemia).

Excerto 4: enfrentar a pandemia exige autodisciplina e força

Espero que nos próximos anos **todos** possam se **orgulhar** de como **responderam a esse desafio**. E aqueles que vierem depois de **nós** dirão que **os bretões desta geração** eram **tão fortes quanto qualquer um**. Que os **atributos** de autodisciplina, de resolução tranquila e bem-humorada e de sentimento de companheirismo ainda **caracterizam este país**. O **orgulho**

de **quem somos** não faz parte do **nosso passado**, ele define o **nosso presente** e o **nosso futuro**.⁷

Considerando o esquema de forças, há uma interação de forças entre os participantes e a prova de resistência. Se os participantes não se prepararem e a prova for longa e difícil, a prova irá exercer uma força de bloqueio e o participante não logrará sucesso em completar a prova. No entanto, se for um participante comprometido, disciplinado e dedicado à preparação, logrará sucesso, suplantando os limites que os esforços físico, mental e emocional impõem ao ser humano. O sucesso, naturalmente, vem acompanhado de orgulho (relação metonímica entre CONTINENTE e CONTEÚDO), não apenas momentâneo, mas moralmente duradouro.

Moralidade é Solidariedade

No excerto 5, as metáforas NAÇÃO É PESSOA, TRABALHADORES ESSENCIAIS SÃO SOLDADOS voltam a ser acionadas pelas pistas discursivas visando, na perspectiva da conceptualizadora, reforçar a identidade nacional. Os MCIs “arco-íris” e “crianças” evocam a esperança e o futuro da nação a partir de uma relação metonímica em que se toma a COISA pela sua REPRESENTAÇÃO. O futuro, na perspectiva da rainha, só será possível com a solidariedade entre os britânicos. Desse modo, a moralidade emerge das ações solidárias que engrossam a força agonista e fortalece a nação contra o antagonista.

Excerto 5: o espírito solidário dos britânicos iluminará o futuro do Reino Unido

Os momentos em que **o Reino Unido se uniu** para **aplaudir** o cuidado dos trabalhadores essenciais serão lembrados como expressão do nosso **espírito nacional**; e seu **símbolo** serão os **arco-íris** desenhados pelas **crianças**.⁸

7 I hope in the years to come everyone will be able to take pride in how they responded to this challenge. And those who come after us will say that the Britons of this generation were as strong as any. That the attributes of self-discipline, of quiet good-humoured resolve and of fellow-feeling still characterise this country. The pride in who we are is not a part of our past, it defines our present and our future

8 The moments when the United Kingdom has come together to applaud its care and essential workers will be remembered as an expression of our national spirit; and its symbol will be the rainbows drawn by children

Em toda a **comunidade britânica** e em **todo o mundo**, vimos histórias **emocionantes** de pessoas **se unindo para ajudar outras**, seja entregando pacotes de alimentos e medicamentos, verificando vizinhos ou convertendo empresas para ajudar no **esforço de socorro**.⁹

Por outro lado, a rainha perspectiva o isolamento como sacrifício que abre espaço para oportunidades positivas (excerto 6), evocando os MCIs de descoberta, oportunidade, recompensa em contraposição ao autoisolamento, ao proferir que “há males que vêm para o bem”. E vai além, ela evoca o MCI de fé, cujos elementos constituidores são aliados à construção do discurso de esperança e solidariedade.

Excerto 6: o autoisolamento traz oportunidades positivas

E embora o **autoisolamento** possa às vezes ser **difícil**, muitas pessoas de todas as religiões, e de nenhuma, estão **descobrimdo** que ele apresenta uma **oportunidade** para desacelerar, pausar e refletir, em oração ou meditação.¹⁰

O excerto 6 é, portanto, estruturado pela metáfora AUTOISOLAMENTO É OPORTUNIDADE, que reforça o propósito comunicativo da conceitualizadora de levantar o moral dos britânicos e instigar ações em prol do bem comum.

Moralidade é fazer o certo

No excerto 7, os eventos da Segunda Guerra Mundial, em que crianças foram separadas de suas famílias como proteção contra os bombardeios, são mapeados para o domínio da PANDEMIA, caracterizado também pela dor do isolamento e separação entre entes queridos, pois SEPARAÇÃO É O CERTO. A noção de certo, é uma noção moral guiada pelo ideal do bem comum. Enquanto o passado é colocado próximo ao centro dêitico “aqui e agora” o marcador dêitico “**daqui** de Windsor” sublinha o papel institucional da monarquia, representada pela rainha, assim como a sua força em manter unido e forte o Reino Unido, mesmo em meio às guerras, pois enquanto autoridade legítima,

9 Across the Commonwealth and around the world, we have seen heart-warming stories of people coming together to help others, be it through delivering food parcels and medicines, checking on neighbours, or converting businesses to help the relief effort

10 And though self-isolating may at times be hard, many people of all faiths, and of none, are discovering that it presents an opportunity to slow down, pause and reflect, in prayer or meditation

sempre guiou a nação para “o certo” e mais uma vez vem cumprir esse dever moral.

Excerto 7: a força do Reino Unido reside em fazer o certo

Isso me **lembra a primeira transmissão** que fiz, em 1940, com a ajuda de minha irmã. **Nós**, como **crianças, falamos daqui de Windsor** para crianças que foram evacuadas de suas casas e enviadas para sua própria segurança. **Hoje, mais uma vez**, muitos **sentirão uma dolorosa sensação de separação** de seus entes queridos. **Mas agora**, como então, sabemos, **no fundo, que é a coisa certa a fazer**.¹¹

Assumindo seu papel de estadista, a rainha retoma a ideia de união e a aproxima dos esforços envidados por todas as nações que enfrentam o mesmo desafio (excerto 8). A COMPAIXÃO é conceptualizada por ela como VIRTUDE, instanciando a metáfora MORALIDADE É ESSÊNCIA (LAKOFF, 1999) que aliada à ciência pode se consubstanciar em FORÇA agonista em prol da saúde de todos os povos. A monarca recruta ainda, nesse mesmo excerto, a metáfora da contabilidade moral (MORALIDADE É RIQUEZA), ao discursivamente sinalizar que repartir a riqueza é ser justo (“o sucesso pertencerá a cada um de nós”):

Excerto 8: o dever moral

Embora tenhamos **enfrentado desafios** antes, este é diferente. Desta vez, **nos unimos a todas as nações do mundo** em um **esforço comum**, usando os grandes avanços da ciência e nossa **compaixão instintiva** para curar. Teremos **sucesso** - e esse **sucesso pertencerá a cada um de nós**.¹²

A ideia do dever moral é por fim retomada e reforçada no excerto 9, assim como a de esperança em dias melhores. Para estruturá-la conceptualmente, conceitos ligados ao MCI de moralidade, tais como justiça, saúde, sucesso, foram recrutados. Da mesma forma, a aproximação do passado com o presente, indexada pelo proferimento **nós nos encontraremos novamente** (*we will meet again*) organiza conceptualmente a metáfora MORALIDADE É

11 It reminds me of the very first broadcast I made, in 1940, helped by my sister. We, as children, spoke from here at Windsor to children who had been evacuated from their homes and sent away for their own safety. Today, once again, many will feel a painful sense of separation from their loved ones. But now, as then, we know, deep down, that it is the right thing to do

12 While we have faced challenges before, this one is different. This time we join with all nations across the globe in a common endeavour, using the great advances of science and our instinctive compassion to heal. We will succeed - and that success will belong to every one of us.

EMPATIA. Trata-se de um intertexto com a música de mesmo nome, lançada em durante a Segunda Guerra Mundial, que foi utilizada como instrumento de ânimo para os soldados que tiveram que deixar suas famílias para enfrentar a guerra.

Excerto 9: o dever moral e as ações individuais que se projetam no bem coletivo

Devemos nos consolar que, embora ainda **tenhamos mais para suportar, dias melhores** retornarão: estaremos com nossos amigos novamente; estaremos com nossas famílias novamente; **nós nos encontraremos novamente.**¹³

Mas, por enquanto, envio meus agradecimentos e votos de felicidades a todos vocês.¹⁴

A ideia de dever moral implica necessariamente fazer o certo, que, por acarretamento, implica o dever de cada um fazer a sua parte individualmente de modo a permitir que o coletivo logre sucesso. São pistas que evocam a metáfora

INTELIGIBILIDADES GERADAS

O presente artigo recrutou o sistema da metáfora moral e os estudos da dinâmica de força para analisar o quinto discurso televisionado da Rainha Elizabeth II durante a pandemia e demonstrar como a dinâmica de forças (TALMY, 2000) sustenta o sistema da metáfora moral (LAKOFF, 1999). O confronto de forças agonistas (*eu e vocês* de um lado) e antagonistas (*ele* – o inimigo), situadas no contexto da pandemia (momento difícil, de ruptura) por meio de relações metonímicas, faz emergir o sistema da metáfora moral e uma rede de metáforas que o constituem. Segundo as pistas discursivas, a FORÇA capaz de furar o bloqueio exercido pelo COVID-19 e manter os agonistas em movimento rumo ao bem-estar e ao futuro origina-se de ações individuais que se tornam coletivas, de fazer o moralmente certo movidos pelo somatório da FORÇA da solidariedade, da união e do isolamento. O quadro 1 resume o sistema da metáfora moral indexado pelo discurso da rainha assim como a rede metafórica que a sustenta e engrossa a tendência do agonista ao movimento.

13 We should take comfort that while we may have more still to endure, better days will return: we will be with our friends again; we will be with our families again; we will meet again.

14 *But for now, I send my thanks and warmest good wishes to you all.*

Quadro 1: Sistema da metáfora moral no IV proferimento de Elizabeth II

SISTEMA DA METÁFORA MORAL	REDE METAFÓRICA
MORALIDADE É AUTORIDADE	PANDEMIA É DESAFIO
	PANDEMIA É RUPTURA
	NAÇÃO É SER VIVO
	PROFISSIONAIS DA SAÚDE SÃO SOLDADOS
	NHS É CAMPO DE BATALHA
	TRABALHO CONJUNTO É FORÇA
MORALIDADE É FORÇA	UNIÃO É FORÇA
	UNIÃO É ARMA
	DESAFIO PANDÊMICO É PROVA DE RESISTÊNCIA
MORALIDADE É SOLIDARIEDADE	NAÇÃO É PESSOA
	TRABALHADORES SÃO SOLDADOS
	TRABALHADORES SÃO SOLDADOS
MORALIDADE É FAZER O CERTO	SEPARAÇÃO É O CERTO
	COMPAIXÃO É VIRTUDE DE FORÇA
	AÇÃO INDIVIDUAL É AÇÃO COLETIVA

Fonte: as autoras

Enquanto as metáforas da autoridade moral, da força, da solidariedade são legitimadas pela ideia do cuidado, da saúde, da união (MORALIDADE É SAÚDE; MORALIDADE É ESSÊNCIA), a metáfora da contabilidade moral (MORALIDADE É RIQUEZA) instancia o cenário de guerra e aciona questões morais que ligam o sucesso a um preço a pagar, à dor, a sacrifícios a serem individualmente vivenciados por um bem coletivo maior (ver LAKOFF e JOHNSON, 1999). Essas metáforas projetam elementos de domínios do comportamento humano (responsabilidade, disciplina, sacrifício, honra, união) para o domínio de guerra, no qual a vitória e o sucesso emergem do embate de forças entre a população e a pandemia; a união, a responsabilidade, o sacrifício e a disciplina são as armas disponíveis para a população.

Não se pode deixar de pontuar serem as metáforas ancoradas em modelos culturais que acabam por orientar o entendimento do que é ou não moral. Como tal, os modelos culturais são coletivos, mas podem naturalmente sofrer

variações individuais e temporais dada a sua dinamicidade e âncora sociocultural. A lógica aqui assumida é a que nos parece prevalecer na cultura ocidental no momento e espaço por nós compartilhados. Tanto quanto os modelos culturais, a ideologia também é um Modelo Cognitivo Idealizado que reflete visões de mundo e orienta as ações individuais e sociais. Ambos se manifestam na nossa forma de agir e, portanto, na linguagem. Ideologias negacionistas podem impactar decisões ligadas à saúde (individual e pública) e alterar por completo o que aqui estabelecemos como moral, como negar a necessidade de isolamento ou de vacinas.

A análise, ao balizar o que seriam as ações moralmente aceitas a partir das metáforas que se sequenciaram no discurso, demonstra haver um forte apelo ao *páthos* (unidos venceremos) e ao *ethos* (boas intenções) ao manter ativa a metáfora da MORALIDADE É EMPATIA nas marcas discursivas que vão dos pronomes aos agradecimentos. O deslocamento do eixo dêitico para o passado cumpre a mesma função ao mesmo tempo em que promove a esperança e motiva a população a cumprir o seu dever moral.

REFERÊNCIAS

CHARTERIS, B. What is the Purpose of Metaphor in Political Discourse? An Answer from Critical Metaphor Analysis. In: SOARES DA SILVA, A.; MARTINS, C.; MAGALHÃES,

L.; GONÇALVES, M. (orgs.), **Comunicação Política e Económica. Dimensões Cognitivas e Discursivas**, p. 69-87. Braga: Aletheia, 2013.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HART, C. Critical discourse analysis and conceptualization: Mental spaces, blended spaces and discourse analysis in the British National Party. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009. In: SALIÉS, T. (Tradução), **Linguística Cognitiva Aplicada**, cap. 5, p. 107-131. Rio de Janeiro: LetraCapital. 2020.

HART C. Force dynamics in immigration discourse. **Discourse Society** v. 22, n. 269, 2011. DOI: 10.1177/0957926510395440.

JAMISONI, K. G. A retórica de Trump apoiada pela metáfora da moralidade. **EID&A**. n.13, 2017. KASSABOVA, I. A comparative rhetorical analysis of the

speeches of Queen Elizabeth II after Princess Diana's death and about the coronavirus crisis. **Rhetoric and Communications**, 44, July 2020.

KHALFALLAH, E. A. A; KEPRIANTO, C. **The Pandemic Discourse: A Cross-Cultural Case Study**. E3S Web Conf., 317 (2021) 01026. Published online: 05 nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1051/e3sconf/202131701026>. Acessado em 21 abr. 2022.

MOITA-LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, L.P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo, SP: Parábola Editorial. 2008, p. 85-105.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphor we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason**: A field guide to poetic metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic books. v. 4, 1999. LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford University Press, 2008. **Quinto Pronunciamento televisionado da Rainha Elizabeth II**. Disponível no site oficial da Família Real Britânica. <https://www.royal.uk/queens-broadcast-uk-and-commonwealth>. Acessado em: 21 abr. 2022.

SALIÉS, T. G. (Org.) **Linguística Cognitiva Aplicada**. Rio de Janeiro: LetraCapital. Linguística Cognitiva Aplicada: O que é? Rio de Janeiro: LetraCapital. 2020, p. 7-23.

ATIR, B. A critical discourse analysis of queen Elizabeth II speech to the nation on coronavirus pandemic. **Journal of Social Sciences & Humanities**, v. 6, n. 10, 2021.

SECUNDINO T. G.; SALIÉS, T. G. Multiple senses of the verb pegar in Brazilian Portuguese: transformation of image schemas. In: **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/1678-460x202153564>

SEGUNDO, P. R. Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceptual, Metáfora e Dinâmica de Forças. **Revista Veredas**, v. 2, 2014.

SOARES DA SILVA, A. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. **Revista Investigações** v. 28, nº 2, 2015.

SZUNDY, P.; FABRÍCIO, B. Linguística aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios. In: SZUNDY, P. **Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada**: Perspectivas sul-americanas. 2019, p. 63-89.

TALMY, L. **Towards a Cognitive Semantics**. Vol. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

VEREZA, S. C. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de Covid-19. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 69, p. 52-89, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44288>. Acesso em: 10 out. 2022.

ANEXO I – PRONUNCIAMENTO DA RAINHA ELIZABETH II (05 de abril de 2022)

I am speaking to you at what I know is an increasingly challenging time. A time of disruption in the life of our country: a disruption that has brought grief to some, financial difficulties to many, and enormous changes to the daily lives of us all.

I want to thank everyone on the NHS front line, as well as care workers and those carrying out essential roles, who selflessly continue their day -to-day duties outside the home in support of us all. I am sure the nation will join me in assuring you that what you do is appreciated and every hour of your hard work brings us closer to a return to more normal times.

I also want to thank those of you who are staying at home, thereby helping to protect the vulnerable and sparing many families the pain already felt by those who have lost loved ones. Together we are tackling this disease, and I want to reassure you that if we remain united and resolute, then we will overcome it.

I hope in the years to come everyone will be able to take pride in how they responded to this challenge. And those who come after us will say that the Britons of this generation were as strong as any. That the attributes of self-discipline, of quiet good-humoured resolve and of fellow-feeling still characterise this country. The pride in who we are is not a part of our past, it defines our present and our future.

The moments when the United Kingdom has come together to applaud its care and essential workers will be remembered as an expression of our national spirit; and its symbol will be the rainbows drawn by children.

Across the Commonwealth and around the world, we have seen heart -warming stories of people coming together to help others, be it through delivering food parcels and medicines, checking on neighbours, or converting businesses to help the relief effort.

And though self-isolating may at times be hard, many people of all faiths, and of none, are discovering that it presents an opportunity to slow down, pause and reflect, in prayer or meditation.

It reminds me of the very first broadcast I made, in 1940, helped by my sister. We, as children, spoke from here at Windsor to children who had been evacuated from

their homes and sent away for their own safety. Today, once again, many will feel a painful sense of separation from their loved ones. But now, as then, we know, deep down, that it is the right thing to do.

While we have faced challenges before, this one is different. This time we join with all nations across the globe in a common endeavour, using the great advances of science and our instinctive compassion to heal. We will succeed - and that success will belong to every one of us.

We should take comfort that while we may have more still to endure, better days will return: we will be with our friends again; we will be with our families again; we will meet again.

But for now, I send my thanks and warmest good wishes to you all.

Disponível em: <https://www.royal.uk/queens-broadcast-uk-and-commonwealth>